

A PRAIA DA ESTAÇÃO NA CULTURA DAS MÍDIAS: IMAGINÁRIOS POLÍTICOS OUTROS?

Milene Migliano¹

Resumo: O texto aqui apresentado busca dar a ver algumas problemáticas investigadas na tese, em finalização. Diante dos modos de criação, produção, circulação e distribuição de conteúdos utilizando as novas tecnologias de comunicação e informação e a internet – condição de possibilidade que caracteriza a cultura das mídias - buscamos compreender as potências de invenção de outros imaginários políticos, a partir das lutas urbanas contemporâneas. Em meio à diversas mobilizações nos contextos urbanos atuais, que utilizam as redes sociais virtuais no auxílio de sua auto-organização e visibilidade, escolhemos como estudo de caso a Praia da Estação, que se desenrola em Belo Horizonte, a partir de 2010. A Praia da Estação é instaurada no centro da capital mineira depois que o prefeito, à época, proíbe os eventos de qualquer natureza na Praça Rui Barbosa, também conhecida como Praça da Estação, que passa por um processo de gentrificação desde 2002. Mobilizados por um blog anônimo, os cidadãos que não concordam com o decreto descabido se reúnem, presencialmente. Encontram muitas divergências em relação à como se manifestar, mas concordam com a discordância comum: o decreto. Organizam-se em uma lista de e-mails, e depois de nove dias acontece a primeira Praia, instaurando, como os próprios manifestantes dizem, uma lúdica revolução.

Palavras-chave: experiência urbana, imaginário político, novas mídias.

O texto aqui apresentado busca dar a ver parte das problemáticas abordadas em minha tese de doutoramento, à luz do entendimento de que os processos das culturas midiáticas possibilitam a criação e circulação de outros imaginários políticos (RIBEIRO, 2011), observadas a partir da Praia da Estação, Belo Horizonte, Minas Gerais. Em uma entrevista em 2011, Ribeiro apontou como relevante para a compreensão dos estudos contemporâneos, investigações que questionassem se os novos movimentos de luta urbana, ao utilizar as novas mídias e a internet, estavam superando a contenção do imaginário político sobre participação, no Brasil. O desvelamento desta questão faz parte da motivação inicial do projeto de tese.

Como cultura midiática (SANTAELLA, 2003) compreendemos as relações que se instauram a partir da disponibilidade de produção e distribuição de conteúdos que não necessariamente passam pela mediação dos meios de comunicação de massa para

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia; membro integrante do grupo de pesquisa Laboratório Urbano, bolsista Fapesb e PDSE/Capes, professora substituta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, milenemigliano2@gmail.com.

alcançar públicos tão ampliados como os por eles conquistados. Por meio de hibridismos (CANCLINI, 1997), compõem as realizações das novas mídias – novas tecnologias de comunicação e informação associadas às potencialidades da internet - e das redes sociais por ela mobilizada, ampliando os modos de se comunicar, de interagir e de se relacionar, inclusive em relação aos espaços públicos urbanos.

Proponho uma etnografia digital (HINE, 2013) para buscar apreender o fenômeno contemporâneo, implicando minha atuação na Praia da Estação como ativista, no começo das ações, e depois pesquisadora, tateando um texto que questiona também esses lugares de operação. Para Hine, podemos realizar etnografias no ciberespaço, mas que não devem ser dissociadas do conhecimento presencial dos sujeitos que atuam nas situações (des)territorializadas do digital. Desse modo, na dinâmica da investigação da Praia da Estação, além do acompanhamento aos sábados de manhã, monitoro as redes sociais digitais e recorro às dissertações, teses e outras pesquisas sobre o assunto específico ou que tangencia a experiência belo horizontina (ALBUQUERQUE, 2013; MAGALHÃES, 2015; OLIVEIRA, 2012; MELO, 2014).

Assim, a tese, e este texto, apresentam e questionam como acontece a produção de outros imaginários² a partir da criação, circulação e acesso de (fragmentos de) narrativas (BENJAMIN) da experiência urbana da Praia da Estação, por meio de usos da internet, das novas tecnologias de informação e comunicação e das redes de sociabilidades urbanas. Para Benjamin, as narrativas são uma forma artesanal de comunicação, na qual os narradores tem sua vida mergulhada dentro do universo da história contada, produzindo vestígios, “presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata”. Em sua produção crítica, concluiu que a comunicabilidade da experiência era reduzida “à medida que a arte de narrar se extinguiu” (BENJAMIN, [1936] 1996; p.207), com o movimento da guerra e dos fascismos, que assolavam a Alemanha e Europa nos anos 30 do século XX. Naquele momento, o autor também detectava uma enorme importância que passava a ser dada à informação, em relação às experiências narradas. Neste artigo buscaremos apresentar as potências das experiências vividas em relação as narrativas em circulação, e em transformação no espaço urbano, sobre a Praia da Estação.

Praia da Estação

² Trabalho com o entendimento do termo para Wunenburger, que em uma genealogia do termo, compila “fazem parte do imaginário, as concepções pré-científicas, a ficção científica, as crenças religiosas, as produções artísticas que inventam outras realidades (pintura não realista, romance, etc), as ficções políticas, os estereótipos e pré-julgamentos sociais, etc.” (WUNENBURGER, 2003, p.5)

A Praia da Estação começa a ser mobilizada a partir da publicação do decreto municipal 13.798/2009 (que entrou em vigor em 01/01/2010) proibindo os eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, centro simbólico e geográfico da capital mineira. Importante mencionar que a Praça havia passado por uma requalificação que, iniciada em 2002, é finalizada no início de 2009, ano em que estando aberta para eventos, recebeu atividades em todos os dias do ano.

Logo depois da publicação do decreto é criado um blog anônimo³ – o vá de branco no blogspot - e a articulação de um encontro convocada para o início de janeiro de 2010, consegue, depois de muitos desacordos, instaurar uma reunião. Durante a mesma, o desentendimento sobre como agir para reverter o decreto acaba fazendo com que se crie uma lista de e-mails, para decidirmos o que fazer depois. A partir do dissenso sobre como proceder para protestar contra o decreto, três dias depois da lista de e-mails ter sido criada, é publicado um anúncio chamando para uma praia na Praça da Estação. A possibilidade de cada um fazer o que quiser na praia, consegue adesão de mais de trezentas pessoas, e acaba sendo (re)inventada⁴ uma Praia na capital mineira. Esta contestação inusual, até aquele momento, propunha uma apropriação lúdica do espaço público todo o sábado de manhã. Em três semanas, a Praia da Estação já tem um alcance e faz com que o prefeito suspenda o decreto e que até hoje, em 2017, o uso da Praia da Estação configure uma mobilização política polifônica.

A conquista da revogação do decreto e instituição de uma comissão não paritária para revê-la, em 29/01/10, compõem ali já uma segunda mobilização dos banhistas, contra outra definição da prefeitura: a de continuar não chamando os cidadãos para a discussão sobre o espaço público. Esta segunda concordância dos banhistas ao se contrapor à uma prefeitura autoritária, sem interesse algum pela vivência, experiência e expectativas dos moradores da cidade, começa a dar a ver a luta que segue.

Outros imaginários?

³ Disponível no vadebranco.blogspot.com, acessado em 28/05/17.

⁴ No blog da Praia da Estação, em maio de 2011, é feita uma publicação que retoma algumas outras experiências de produção de praias na capital mineira, demandando um espaço de lazer na cidade, tendo esse sido prometido de vir a existir no complexo da Lagoa da Pampulha. O blog elenca desde o manifesto “Queremos praia!”, do Grupo Galpão, em 1989 até a Praia realizada pelo aniversário do coletivo Azucrina, em dezembro de 2009, já compondo a atuação jovem na ocupação dos espaços da cidade. Disponível em <https://pracalivrebh.wordpress.com/2011/05/28/a-tradicao-praiera-insurgente-de-belo-horizonte/>.

O entendimento de que juntos pudemos fazer a contestação tomar forma e reverter decisões da prefeitura, ampliou o escopo de atuação da performance dos corpos dos banhistas, em coletividade no espaço público. Na chamada para a primeira praia, o único pedido era de que os manifestantes seguissem de roupa de banho, para aproveitarmos o banho das fontes revitalizadas. A necessidade era a de dar corpo aos corpos pelas ruas da cidade, confrontando o imaginário da tradicional família mineira.

O imaginário político reivindicado pela professora Ana Clara Torres Ribeiro é construído enquanto “fenômeno coletivo, pleno de razão e emoção, e inscrito para além de qualquer esforço disciplinar isolado”. Para Ribeiro, a criação de mitos (BARTHES, 1957) participa da composição dos imaginários, e acreditar que não podem ser submetidos à manipulação e controle, é uma postura de esperança na contemporaneidade das vivências e práticas que se desenrolam na vida metropolitana. Tanto a verdade, quando a mitificação “participariam, concretamente, de sínteses-culturais (imagens síntese) da vida coletiva” (RIBEIRO, 2013c, p.71) dando a ver a complexificação na qual os imaginários são compostos.

As imagens síntese conformam, muitas vezes, na dinâmica do controle social pelos meios de comunicação e discursivos hegemônicos, “imagens redutoras da complexidade” (RIBEIRO, 2013c, p.72), que para a autora podem chegar a operacionalizar “classificações excludentes ou controladoras dos comportamentos sociais” (Idem). Seguindo o texto, tal “administração da cultura” dá a ver São Paulo como o motor do Brasil, a cidade que não para, e o Rio de Janeiro como a capital da beleza e da cultura exuberantes.

Já a imagem síntese de Belo Horizonte, seguindo Tavares⁵, era no início dos anos 2000, a cidade cheia de prédios, moderna, planejada, urbanizada, que vista do alto da serra do Curral, nos daria uma compreensão de que muito se decide naquelas janelas envidraçadas: os prédios são os principais personagens da trama da metrópole, como podemos ver na imagem que acompanha o texto comemorativo do aniversário de 106 anos da capital. A imagem síntese da cidade assim, confirmaria o mito definido para a Comissão Construtora da Capital, de desenhar, planejar e construir, uma cidade moderna e desenvolvida, para assumir a condição de capital das Minas Gerais, que até então se localizava em Ouro Preto. Com o traçado moderno, a cidade foi construída a

⁵ O autor participou ativamente da pesquisa “A representação visual do Outro na mídia, coordenado pelo Prof. Paulo Bernardo Ferreira Vaz, na UFMG.

partir dos materiais que chegavam na Praça da Estação, cidade onde foram depositados muitas ideias da perspectiva positivista, lembrando que foi inaugurada como uma capital já na República e com a abolição da escravidão assinada, em 1897.



Em outro caderno especial do aniversário da cidade, publicado neste mesmo ano em outro jornal, acessados pelo texto de Tavares, a editoria trouxe uma fotografia dos mesmos prédios em horizonte, mas com a vizinhança de um aglomerado, incluindo uma tarjeta vermelha onde se lê polícia. Com uma manchete que traz à tona o aumento de criminalidade na cidade e a imagem do bairro humilde ao lado do bairro rico, ilustrando o texto que enfatiza o aumento dos índices de violência, podemos identificar uma escrita/leitura de criminalização dos moradores do bairro humilde. Nesta mesma cobertura do aniversário dos três jornais que acompanhou, Tavares pode notar que todas as pessoas chamadas à proferir alguma palavra à cidade, eram brancas, homens e mulheres, celebridades e pessoas comuns, tais como Aécio Neves ou uma estudante de fisioterapia, que se preocupa com a segurança nos bairros. As palavras de aniversário mostravam apenas uma face das pessoas que habitam e circulam entre aqueles prédios.



A primeira imagem da Praia da Estação, que circulou no portal de notícias uol, já se mostra como um outro imaginário possível de cidade, contrapondo-se àquelas imagens dos prédios como protagonistas do cotidiano urbano. Os corpos em roupa de banho, tomando sol, com o prédio da Estação de trens ao fundo, demonstra um arranjo inusual, até aquele momento, da imagem da cidade. O arranjo possível, sem planejamento, mas com um despojamento jovial, afrontava, além do decreto, também o imaginário da tradicional família mineira⁶. Na fotografia publicada no uol, as mulheres estão de biquíni em praça pública, expondo seus corpos no cimento, desacompanhadas de seus companheiros, qualificando também um desentendimento geracional e uma contestação da juventude.

Para a primeira praia, uma das únicas exigências que circulavam nos cartazes feitos muito rapidamente era de que era preciso ir em trajes de banho, marcando uma expectativa de planejamento também desta contestação. Além da articulação da comunicação descentralizada dos blogs, aproveitando-se das possibilidades de anonimato e de escrita coletiva instituídos pela ética hacker, os banhistas também contestavam as normatividades exacerbadas das regulações dos espaços públicos, oficiais ou sociais, na cidade. Esse choque com o código de posturas em vigência em

⁶ O imaginário da tradicional família mineira compreende que o casamento heteronormativo, de véu e grinalda da Igreja, é a maneira correta de se viver socialmente, além de cultivar uma discrição em relação às roupas usadas pelas mulheres em espaços públicos, contribuindo na preservação do estatuto monogâmico vigente.

Belo Horizonte, conformou mais um dissenso instaurado em relação às práticas no espaço urbano; choque de culturas juvenis buscando seu espaço na cidade à qual pertencem, dissenso que possibilitou muitas invenções e situações na Praia da Estação, entre elas as diversas músicas cantadas durante os banhos, como “deita no cimento” e o “ei polícia, a praia é uma delícia”.

O direito à cidade visto como uma reivindicação do direito ao pertencimento à cidade, desenvolvido por Holston, possibilita analisar melhor todas as conquistas, eventos e mobilizações, entre as experiências da Praia da Estação. Para o autor, “o “fazer a cidade acontecer”, é, simultaneamente, o contexto e o conteúdo de um sentido de pertencimento, no qual o fazer é entendido como a soma das atividades dos residentes, sendo a residência o critério primário de associação” (HOLSTON, 2016, p.198). No artigo em que desenvolve a perspectiva de planejamento urbano insurgente para o século XXI, o antropólogo atenta para as similaridades das diversas mobilizações que tem movimentado juventudes contestadoras do mundo todo: “ocupação ostensiva do espaço urbano; a rejeição da política representativa; a mobilização contra o sucateamento de bens e serviços públicos; a resistência à violência policial; o uso de novas mídias sociais; e a emergência de novas esferas públicas de participação e sociabilidade” (Idem). Podemos elencar nessa perspectiva, o Occupy wall street, em Nova York, o protesto dos indignados na Espanha, o movimento pela praça Taksim, na Turquia, a Primavera Árabe, as Jornadas de Junho de 2013 (CASTELLS, 2015; HARVEY, 2013; MANIERI, 2014; INVISIVEL, 2016), e muitos outros. Assim como outros movimentos inaugurais da articulação auto-organizada e via internet pela conquista de espaços públicos, como o da disputa pela área do aeroporto de Tempelhof (MILAGRES, 2016) para tornar-se um espaço de lazer na cidade ao invés de ser mais um local para especulação imobiliária em Berlim, a Praia da Estação segue essas tendências. Elas podem vir a ser encontradas nos pontos de convergências de opiniões dos banhistas, as práticas na Praia e de outras mobilizações que vieram pela cidade, o Fora Lacerda, o Fica Ficus, as ocupações por moradia, a ocupação da câmara, as assembleias horizontais e o Espaço Comum Luiz Estrela⁷.

⁷ Foram muitos enfrentamentos, criações e reverberações da Praia da Estação desde 2010, quando foi iniciada; alguns dos textos referenciados podem dar um entendimento melhor dessa complexidade das mobilizações auto-organizadas, além da tese, em processo de finalização. É importante pontuar que das assembleias horizontais, que começam durante as jornadas de junho em 2013, culmina a criação de uma plataforma de candidaturas – muitxs, a cidade que queremos, que elege para vereadora em 2016, Áurea Carolina, tendo alcançado o maior número de votos de uma eleição para a câmara municipal da cidade.

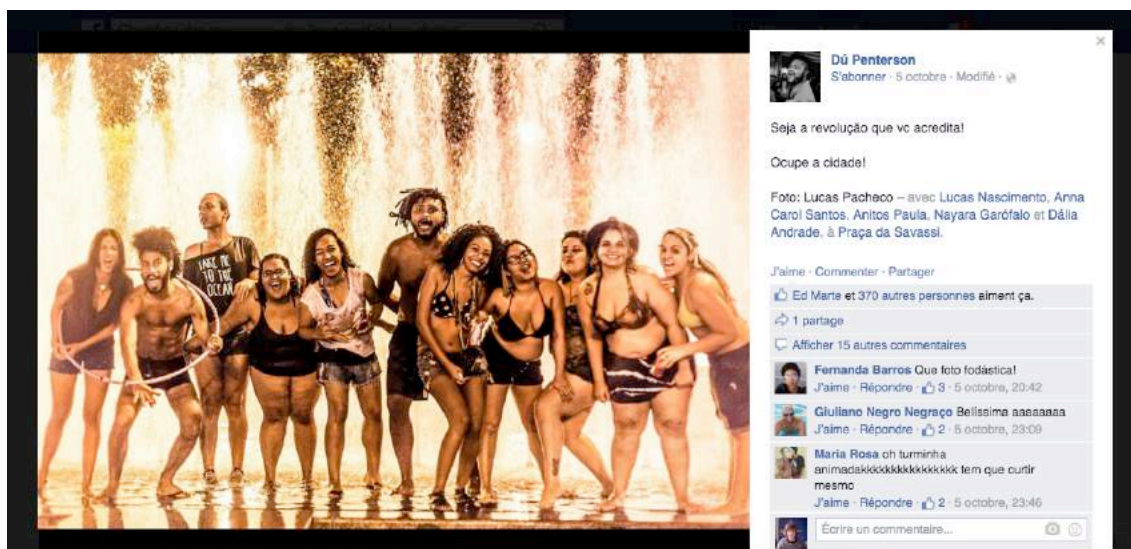
Nestes anos de luta, dentro e fora da Praia da Estação, tivemos ainda uma outra importante mudança para o nosso olhar crítico. O blog da Praia, o Praça Livre, criado com login aberto e de muita atividade de discussão de argumentos sobre a iniciativa da Praia, as conquistas e novas lutas, parou de ter postagens, como diversos outros blogs, desde 2012, sendo as derradeiras, em 2014. Desde então, o facebook emergiu como a rede social prioritária para o consumo, acesso e discussão da internet, absorvendo até as produções que contribuíram, e muito, para toda a potência de democratização das mídias: os próprios blogs.

Mas em sua potência de mobilização social, o facebook ajudou a organizar muitos eventos, transformando a realidade do tamanho do público da Praia da Estação. No feriado de sete de setembro de 2015, uma segunda-feira, a Praia da Estação chegou a contar com 10 mil pessoas, apenas com uma chamada de evento no facebook, impossível de reencontrar na plataforma, já que ela se organiza sem salvar a memória dos eventos. A maioria dos banhistas estiveram lá como uma opção de lazer no feriado, esperando que talvez pudessem tomar um banho coletivo nas fontes, que acabou sendo apenas do caminhão-pipa, para refrescar o calor.

Em outubro, diante da continuidade do desligamento das fontes, planejadas urbanisticamente para refrescar do calor do concreto, para os transeuntes e pessoas que esperam os ônibus na Praça da Estação, uma chamada na internet solicitou ao prefeito a ligação das fontes, caso contrário, uma Praia da Estação aconteceria da Praça da Savassi, bairro de comércio classe média da cidade. Os comerciantes se organizaram e disseram que não seria possível acolher todo o público que chegava agora até a Praia da Estação e que chegaria na Savassi. Em menos de 24h o prefeito mandou ligar as fontes da Praça da Estação, contradizendo as informações anteriormente dadas sobre a dificuldade de manutenção do equipamento. Os jovens que estavam puxando a Praia, em sua maioria negros, disseram que manteriam a Praia da Savassi⁸, de modo a mostrar pra cidade que pensa que não poderia acolhê-los, a sua humanidade. No sábado esperado, os banhistas tomam a Praça da Savassi e realizam ali um banho em suas pequenas fontes, eternizado a experiência em diversas imagens que foram compartilhados pelas redes sociais. A juventude negra, que também faz parte da cidade e da Praia, que também tem para si a reivindicação de pertencimento à Belo Horizonte,

⁸ Em 2012 acontece a primeira Praia da Savassi, organizada pelo grupo Fora Lacerda, que enfrentou o prefeito à época, tanto na revelação de crimes e corrupções como influenciando o PT a sair da chapa de reeleição, em 2012; os comerciantes também não ficaram contentes com nossa presença no bairro, à época.

é ela que circula de diversas imagens, posando seus sorrisos no imaginário de ocupação dos espaços públicos.



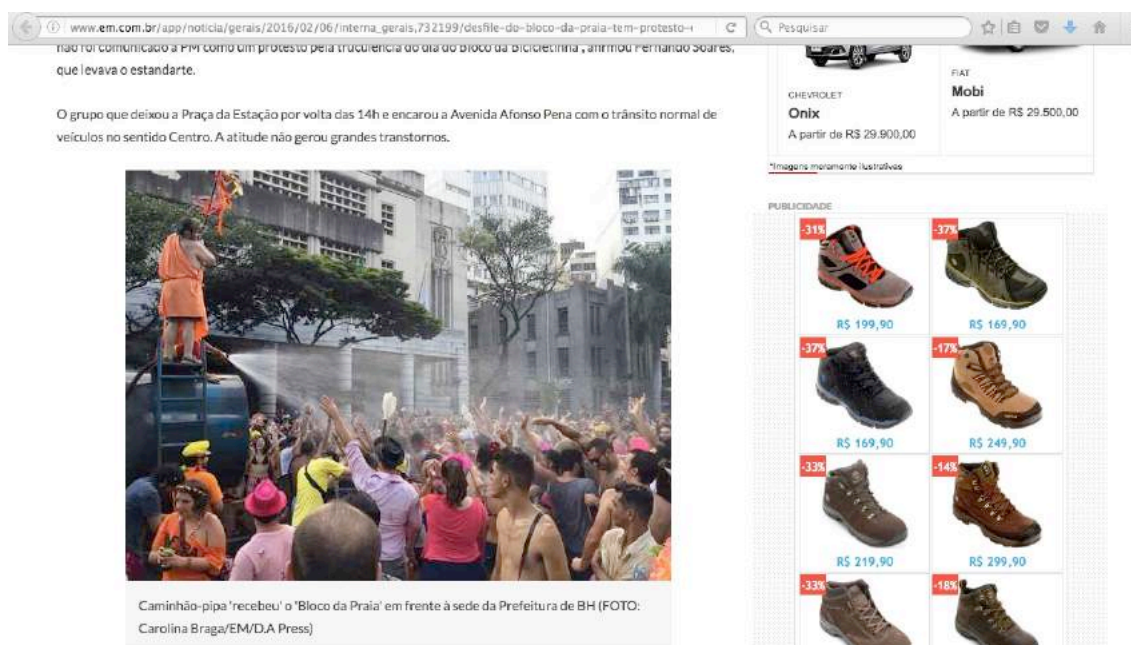
Esta é uma das imagens que mais circulou na rede social facebook, depois da realização da Praia da Savassi de 2015. Dú Peterson, ao centro, com um pente encaixado nos cabelos, é um dos jovens negros que estava chamando a Praia da Estação, naquele outubro. Circulando intensamente pela cultura das mídias, mas ainda não pela dos meios de comunicação de massa, a Praia da Estação intensifica o processo de outras conquistas, agora também, de uso de outros espaços da cidade. Dú foi um dos candidatos da chapa Muitxs, Cidade que queremos, que saiu pelo PSOL, contribuindo na eleição de Áurea Carolina, e conquistando também outros espaços da cidade, que antes não eram alcançados. Ao lado da fotografia que mostra jovens negros e com um padrão de beleza não enaltecidos pela mídia hegemônica tomam a cena, banhando-se nas fontes da Praça da Savassi. Eles olham para a câmera, sorriem, sabem o que querem e diferentemente dos banhistas da primeira praia, capturados por diversas lentes que lá estavam, sem posar para a maioria delas. Nesta imagem que é quase um selfie, penso que podemos concordar com a análise que Fontcubierta faz.

A *selfie* substitui a certificação de um acontecimento pela certificação de nossa presença nesse acontecimento, por nossa condição de testemunha. Assim, o documento se vê relegado em prol da inscrição autobiográfica. Inscrição dupla: no espaço e no tempo, ou seja, na paisagem e na história. Não queremos mostrar o mundo tanto quanto indicar nosso estar no mundo. (FONTCUBIERTA, 2016, s/p.)

Para os jovens banhistas que estiveram na Praia da Savassi, mesmo depois do Prefeito ter atendido a reivindicação que faziam, mesmo depois dos comerciantes terem reclamado de sua presença no bairro, o importante era dizer para a cidade que sim, estes jovens estão no mundo e também fazem parte dele. Esta luta política, de visibilidade, de mostrar quem está fazendo pela cidade, é algo que sempre fez parte da Praia da Estação, mas naquele momento, pelo contexto, era a contestação mais importante.

Outros carnavais

A Praia da Estação volta a sair nos jornais no Carnaval de 2016: a matéria acessível online via Estado de Minas, diz que teve protesto contra a polícia com a entoação da música “ei polícia, a praia é uma delícia”, em alguma medida, ironizando a potência do protesto do bloco da Praia da Estação. Naquele ano, a prefeitura investiu pesado na divulgação do carnaval da cidade, como uma alternativa ao turismo folião pré-existente no Brasil. O “renascimento do carnaval” (CANUTO, 2017) da cidade é datado de 2009, com o surgimento de dois blocos. É com o bloco da Praia, e mais outros 6 blocos em 2010, que a festa toma força e segue até hoje.



www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/02/06/interna_gerais,732199/desfile-do-bloco-da-praia-tem-protesto-+
Não foi comunicado a PM como um protesto pela truculência do dia do bloco da Bicicleta, afirmou Fernando Soares, que levava o estandarte.

O grupo que deixou a Praia da Estação por volta das 14h e encarou a Avenida Afonso Pena com o trânsito normal de veículos no sentido Centro. A atitude não gerou grandes transtornos.

Caminhão-pipa 'recebeu' o 'Bloco da Praia' em frente à sede da Prefeitura de BH (FOTO: Carolina Braga/EM/DA Press)

PUBLICIDADE

Modelo	Desconto	Preço
CHEVROLET Onix <td>-31%</td> <td>R\$ 199,90</td>	-31%	R\$ 199,90
FIAT Mobi <td>-37%</td> <td>A partir de R\$ 29.500,00</td>	-37%	A partir de R\$ 29.500,00
Sneaker 1	-37%	R\$ 169,90
Sneaker 2	-17%	R\$ 249,90
Sneaker 3	-33%	R\$ 219,90
Sneaker 4	-14%	R\$ 299,90
Sneaker 5	-33%	R\$ 219,90
Sneaker 6	-18%	R\$ 299,90

Depois de três anos sendo desconsiderados e depois rechaçados pelo poder público municipal, a prefeitura começou um cadastramento dos blocos do tal do renascimento. No ano seguinte, percebendo o aumento cada vez maior da folia,

começou a capitalizar as imagens e imaginário do carnaval para atrair turistas, tendo atraído em 2016, cerca de 100 mil turistas⁹, efetivando mais uma das metas do planejamento estratégico do projeto de espetacularização urbana (JACQUES, 2004) a que se propõem, onde de quase nada vale a opinião e participação real dos habitantes da cidade.

“Nestas situações, os imaginários urbanos passam a ser apropriados pelo poder opressor e usados para fim mercadológicos, no sentido de tornar a cidade um espaço vendável seja para o turismo internacional, seja para os investimentos das corporações financeiras. Enfim, a cidade aguarda para ser consumida como se fosse apenas um produto a ser experimentado (DELGADO, 2011, p.97), interrompendo os fluxos das experiências da população da cidade, o que o Delgado define, ‘espaço público como ideologia’.” (MIGLIANO, 2016, s/p)

As imagens síntese de Belo Horizonte já se transformaram, de panorâmica de prédios de vidros, corpos em roupas de banho ou em trajes carnavalescos passam a também fazer parte do imaginário sobre a capital planejada. Na cultura das ruas, toda a mobilização realizada na internet, a contestação no deitar-se no cimento, as articulações com outras lutas e a tomada de outras lutas para a experiência urbana da Praia da Estação, mostra sua importância neste contexto. Na cultura das mídias, das redes sociais, onde outros sentidos tomam corpo, temos inclusive a multiplicidade da juventude multicolorida nas imagens síntese das ocupações pela cidade. Certamente, é preciso atentar para não ficarmos presos em uma rede social que impossibilita, em grande medida, o armazenamento de registros dos eventos, imagens, enfim, dos conteúdos que nela disponibilizamos, favorecendo uma escrita política do curtir, diferentemente da política da memória das discussões, que os blogs possibilitavam (DERAKSHNAN, 2015), como observado na etnografia digital.

Mas e no jornal, na mídia massiva, na cultura que se faz vendável para o turista na capital mineira, e que restará na memória oficial da cidade, outras imagens síntese também tem tomado parte? Talvez, sim. Talvez não da maneira que enquanto ativistas desejávamos, mas de forma dinâmica e complexa, nestas novas perspectivas de produção de narrativas, por meio de seus fragmentos. Como pesquisadora, é preciso apontar essas apropriações, e questionar mais uma vez, quais são os lugares que vem

⁹ Dados do site <http://www.carnavaldebelohorizonte.com.br/noticias/receita-turistica-no-carnaval-de-bh-mais-que-duplica-em-relacao-a-2015/>

sendo conquistados nessa luta. Quais ainda podem vir a ser desconstruídos. Quais já foram superados...

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Carolina Abreu. *Ei, polícia, a praia é uma delícia!:* rastros de sentidos nas conexões da Praia da Estação. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas Vol. I – Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996 [1940].

_____. *Capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013 [1925].

BRESCIANI; Maria Stella. *Cidade, cidadania e imaginário* in *Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Org. Por Célia Ferraz de Souza e Sandra Jatahy Pesavento. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

BRETAS, Beatriz. *Ativismos na Rede: Possibilidades para a crítica de mídia na internet*. In: *Narrativas Telemáticas*, Org. BRETAS, Beatriz. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CANUTO, Frederico. *Da carnavalização do planejamento urbano para Belo Horizonte-para-a-guerra: da política ao político e vice-versa*. Rev. BRas. estud. uRBanos Reg., ReCIFE, v.18, n.3, p.485-506, set.-dez. 2016.

CASTELLS, Manuel. *Lutas urbanas e poder político*. Porto: Gráfica Firmeza, 1976.

_____. *Redes de indignación e de esperanza*. Madrid: Allianza Editorial; 2015.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2004 [1990].

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia, vol. I*. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELGADO, Manuel. *El espacio público como ideología*. Los libros de la catarata: Madrid, 2011.

DERAKSHINAN, Houssein. *Salve a internet*. In Revista Piseagrama <http://piseagrama.org/salve-a-internet/>, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011 [2009].

HINE, Christine. *Por uma etnografia para internet: transformações e novos desafios*. Entrevista por Bruno Campanella. Revista Matrizes, V.9 - No 2 jul./dez. 2015 São Paulo - Brasil CHRISTINE HINE p. 167-

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012 [1992].

HARVEY, David. *O Direito à Cidade*. In: Revista Piauí, nº 82, julho de 2013

HOLSTON, James. *Rebeliões metropolitanas e planejamento insurgente no século XXI*. In Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Recife, vol. 18. n.2, p. 191-204. Maio-Agosto, 2016.

INVISÍVEL, Comitê. *Aos nossos amigos*. São Paulo: n-1 edições, 2016

JACQUES, Paola Berenstein. *Espetacularização Urbana Contemporânea*. Cadernos do PPGAU-FAUFBA, número especial “Territórios Urbanos e Políticas Culturais”. Salvador: Editora UFBA, 2004. Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/1684>> . Acesso em 10 set 2016

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: entauro, 2001.

MAGALHÃES, Felipe N. Coelho. *O neoliberalismo e a produção do espaço na metrópole: subjetivações, insurgências e redes na economia política da urbanização contemporânea*. Belo Horizonte: Tese defendida no IGC/UFMG, 2015.

MANIERI, Dagmar. *Internet e os novos movimentos sociais*. Plural, Revista de Ciências Sociais, vol. 21, n.2. São Paulo: USP, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor Magnani. *Etnografia como prática e experiência*. Revista Horizontes Antropológicos, vol. 15, no. 32. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – IFCH-UFRGS, 2009

MARQUES, Â. C. S. Três bases estéticas comunicacionais da política: cenas de dissenso, criação do comum e modos de resistência. In: ENCONTRO NACIONAL DA COMPÓS, 21., 2012. *Anais do XXI Encontro Nacional da Compós*. Juiz de Fora: UFJF,

2012, p. 1-14. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1830.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

MELO, T. M. *Praia da Estação [manuscrito]: carnavalização e performatividade*. 2014. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MILAGRES, Lígia. Ambivalências de práticas espaciais auto-organizadas em disputa pela democratização do produção do espaço. Rev. BRas. estud. uRBanos Reg., ReCIFE, v.18, n.2. 2016

MILLER, Daniel *et alli*. *How the world changed social media*. Londres, UCL Press: 2016. <http://discovery.ucl.ac.uk/1474805/1/How-the-World-Changed-Social-Media.pdf>

MIGLIANO, Milene. *Praia da Estação em Minas Gerais: Enfrentamentos, criações e reverberações*. Anais do Comunicon – Congresso Internacional de Comunicação e Consumo 2016, ESPM, São Paulo.

MOUFFE, Chantal. *Artistic Activism and agonistic spaces*. Art & Research, v.1, n.2, 2007, p.1-5.

OLIVEIRA, Igor Thiago Moreira Oliveira. *Uma “Praia” nas Alterosas, uma “antena parabólica” ativista: configurações contemporâneas da contestação social de jovens em Belo Horizonte*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

RECUERO, Raquel da Cunha. Redes sociais na Internet: considerações iniciais. IN: Núcleo de Pesquisa (NP-08) de Tecnologias da Comunicação e Informação do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM, Porto Alegre, 2004.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Dança de Sentidos, na busca de alguns gestos in* BRITTO; JACQUES, Fabiana, Paola (org.). *Corpocidade, Debates, Ações e Articulações*. Salvador: EDUFBA, 2010.

_____. *Nós temos hoje uma espécie de contenção do imaginário político*. Entrevista in Revista Marimbondo, v.01, 2011. Disponível em www.revistamarimbondo.com.br.

_____. *Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia*. In Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço – vol. 2. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013a.

_____. *Comunicação e Metrópole: a questão da participação social*. In Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço – vol. 2. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013b.

_____. *Imaginação e Metrópole: as ofertas paradigmáticas do Rio de Janeiro e São Paulo* in Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço. Vol. 4. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013c

RIBEIRO, Ivete. *Sociedade contemporânea, família no Brasil e valores: alterações e permanências*. Revista brasileira de Estudos Populares, Campinas, v.3, n.1, p.89-100, jan./jun. 1986.

http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol3_n1_1986/vol3_n1_1986_5res_pesq_89_100.pdf

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e Artes do pós-humano*. São Paulo: Paulus, 2003.

SENNET, Richard . *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. In O fenômeno urbano. Org. Otávio Guilherme Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

TAVARES, Frederico de M. B. *Belo Horizonte Panorâmica e a(s) cidade(s) fotojornalísticas*. Revista Rastros –Revista do Núcleo de Estudos de Comunicação. Joinville: IELUSC, v.6, 2005.